ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNALISTA ALEXANDRE GARCIA

O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Berenice Guimarães da Costa

Christiane Regina de Oliveira Leivas

1. INTRODUÇÃO:

Propomo-nos a examinar o discurso jornalístico, tomando como *corpus* um comentário de Alexandre Garcia, veiculado pela Rádio Oceano FM de Rio Grande (RS), no dia 22/06/2007. Cabe lembrar que a análise, aqui apresentada, é somente uma introdução à Análise do Discurso (AD) e, por isso, usamos apenas alguns pressupostos teóricos dessa teoria.

Evidentemente que, para fazermos uma análise mais completa, deveríamos nos deter a estratégias mais complexas e sofisticadas. Portanto, analisamos a busca dos efeitos de sentido de algumas seqüências discursivas (SD), recortadas do comentário de Alexandre Garcia, que comprovaram o movimento da posição-sujeito do jornalista.

Tomamos por base a teoria de Pêcheux (1975), em "Semântica e Discurso", em que o autor afirma que o lugar do sujeito não é vazio, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva (FD). É pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito.

O sujeito da AD não é o indivíduo, o sujeito empírico (ou o sujeito gramatical), mas o sujeito do discurso, constituído pelo social, pelo ideológico e pelo histórico e que tem a ilusão de ser a fonte do sentido.

Pêcheux chama de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). Conforme nos aponta Pêcheux, a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência” (1995:167).

Orlandi (1990) afirma que a relação do sujeito com a linguagem é uma relação contraditória, em que há uma dupla determinação: do enunciado pelo sujeito e deste pela sua relação com a exterioridade, seu contexto sócio-histórico. Com efeito, para que

o seu discurso tenha um sentido, o sujeito identifica-se com uma determinada FD, que se relaciona com outras FDs, e inscreve o seu dizer no fio do discurso.

A partir desses conceitos, abordamos alguns aspectos que comprovaram que o sujeito-autor do comentário analisado não esteve isolado do mundo que pretendeu retratar. Ele divididiu-se em sua constituição e, como indivíduo e sujeito não são a mesma coisa, quisemos comprovar que o sujeito fragmentou-se em muitos sujeitos e que o sujeito que falou, falou de uma posição-sujeito determinada.

Escolhemos esse discurso para analisar porque se trata de um jornalista conhecido por sua ironia e por fazer comentários sobre vários setores sociais, em telejornais e em rádios, que abrangem grande parte da população. Em função desses comentários, Alexandre Garcia mantém seu prestígio na mídia e provoca, até mesmo, certo temor em alguns setores públicos. Seu discurso reposiciona-se criando múltiplas possibilidades de se articular.

Há muito tempo se sabe que não existe imparcialidade no jornalismo, conforme muitos gostariam de acreditar, pois todas as pessoas assumem um posicionamento político e ideológico perante os fatos da vida, assim como os enunciadores responsáveis pelos discursos nos veículos de comunicação também assumem.

O jornalismo, enquanto narração do real, é mediado por sujeitos, no exercício de suas subjetividades e são as escolhas desses sujeitos que dão pauta à edição dos telejornais e jornais, após passarem por critérios de apuração, seleção das fontes e hierarquização das informações. Tendo consciência desse processo ou não, o leitor, quase sempre, acredita que o jornalismo é a reprodução do real.

No comentário analisado, verificamos que Alexandre Garcia, enquanto sujeito do discurso, vê-se compelido a noticiar “o real” a respeito do caos instalado no Senado, frente às denúncias de corrupção e atitudes duvidosas de alguns parlamentares.

No transcurso de seu comentário, fez levantamentos prévios e pessoais a respeito do assunto que comenta. Esses levantamentos fundamentaram seu discurso e revelaram sua posição-sujeito, demonstrando sua formação ideológica. Sua linguagem jornalística foi produzida a partir de seu conhecimento particular sobre os fatos do mundo e levou ao conhecimento do leitor/expectador sua reprodução dos fatos, pois seu conhecimento não poderia ser apenas retransmitido ou repassado, ele foi recriado.

Algumas SDs foram destacadas de seu comentário a fim de revelar, principalmente, que o sujeito do discurso assumiu distintos posicionamentos.

2. DESENVOLVIMENTO:

Através das SDs destacadas, pudemos analisar a posição-sujeito do jornalista Alexandre Garcia, como também a FD em que se inscreve, através de marcas lingüísticas que funcionaram como pistas deixadas em seu discurso que nos permitiram revelar a falsa neutralidade do jornalista no comentário analisado:

SD 1: "O presidente do Senado, Renan Calheiros, ontem, pela segunda vez se escondeu atrás da instituição que ele não respeitou".

Na análise da SD **"... pela segunda vez se escondeu..."** foi revelada a posição do sujeito-autor. Quando utilizou a expressão **"se escondeu"** atribuiu ao Senador Renan Calheiros o posicionamento do outro. Percebemos então que sua posição-sujeito foi de oposição ao senador Renan Calheiros, considerando autoritária e covarde sua atitude, pois quem **"se esconde"**, tem culpa.

Também quando o sujeito-autor disse **"... não respeitou..."** manifestou, através dessa negação, uma posição contrária ao comportamento desse senador. Tal negação causou um efeito contraditório no discurso em relação ao comportamento do "outro", pois revelou que acredita que o senador deveria ter tido uma determinada postura e não a teve, contrariando sua própria opinião, a vontade dos demais parlamentares, da opinião pública e dos demais seguimentos sociais interessados em sua renúncia.

Essa negação é marca contundente da heterogeneidade nesse discurso, ou seja, o sujeito trouxe para esse discurso o "discurso-outro", pois, segundo o sujeito-autor, o "outro" deveria ter tido um outro posicionamento, o de respeitar a instituição.

SD 2: "... A primeira vez foi quando ele fez a sua defesa ante o Plenário do Senado, sem se levantar da cadeira de presidente, sem ter ido à tribuna como fez o então presidente Jader Barbalho."

Da mesma forma, quando disse **"... sem se levantar... Sem ter ido à tribuna..."** produziu efeito de sentido ao repetir **"... sem..., sem..."**, o sujeito do discurso revelou sua posição-sujeito, referindo-se ao fato de que Renan Calheiros cometeu dois erros: foi

prepotente e arrogante e, abusou do poder, por não se dirigir à tribuna para manifestar sua defesa, como deveria ter feito, conforme manda o rito parlamentar.

Ao dizer **"... sem se levantar..."** o sujeito produziu um efeito de negação trazendo novamente o "discurso-outro": **"ele deveria ter levantado e não o fez"**. Assim, deixou clara a marca da heterogeneidade do discurso, revelando a posição-sujeito do autor.

No recorte **"Como fez o então presidente Jader Barbalho"**, o sujeito posicionou-se através de uma comparação entre Jader Barbalho e Renan Calheiros. Tal comparação deixou implícita sua aprovação parcial em relação ao comportamento de um, em detrimento do comportamento do outro que, apesar de Jader Barbalho ter renunciado ao cargo para não ser "caçado", comportou-se, pelo menos, com decoro parlamentar.

SD 3: "Pois bem, agora, na segunda tentativa de usar a autoridade de presidente do Senado, ele se esconde atrás da instituição dizendo: *Eu não permitirei que levem o Senado a uma crise institucional*... Essa que é a verdade."

Observamos, nessa SD, a reiteração de sua posição-sujeito a respeito do "abuso de poder" que, anteriormente estava implícita em seu discurso e que, agora, foi revelada na expressão **"... na segunda tentativa de usar a autoridade..."**. Observamos que a expressão **"segunda tentativa"** produziu um efeito de sentido, embora tenha tentado pela segunda vez ser autoritário, ele não conseguiu.

O sujeito do discurso deixou pistas que revelaram sua oposição em relação ao senador Renan Calheiros, quando disse **"... se esconde...",** posicionou-se contrariamente ao comportamento do "outro". Ora, somente se esconde o covarde, o medroso, aquele que é incapaz de assumir o que faz. Trata-se de uma marca discursiva que ocasiona produção de sentido.

Orlandi, ao trabalhar questões referentes ao silêncio, nos ensina que "o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as 'outras')", (Orlandi, 1995, p. 37), ou seja, entendemos que certos dizeres são proibidos e, no jornalismo, onde tais interdições são obviamentemente necessárias, os silenciamentos são constantes.

SD 4: “Ora, ninguém está levando o Senado à crise institucional. Essa é que é a verdade. A crise é com ele. Não é com a instituição. Agora, a instituição terá crise se conviver com tanto acúmulo de falta de decoro”.

Em **“... ninguém está levando...”** pudemos perceber também, que o uso do pronome indefinido, nessa SD, foi uma marca de negação, ou seja, aquilo que Renan Calheiros não deveria ter dito e que nos mostrou a indeterminação e o funcionamento referentes à posição-sujeito. Dizendo **“... ninguém está levando...”** o senador acusado eximiu-se da responsabilidade do dito, pois não especificou e tão pouco acusou ninguém em especial.

A oposição foi estabelecida devido à possibilidade de que Renan Calheiros estivesse querendo atribuir a responsabilidade da crise no Senado a outros. Tal oposição foi reafirmada pelas expressões **“A crise é com ele”** e “ **Essa é que é a verdade”**. Também, através do emprego do artigo definido em **“a verdade”,** pudemos verificar uma produção de sentido onde tal “verdade” é única e incontestável.

Ainda em **“... A crise é com ele.”**, o jornalista voltou a afirmar que Renan Calheiros estava com sérios problemas, não o Senado. Quem precisava resolver a crise era ele mesmo, o senador. Outra marca discursiva que revelou sua posição-sujeito de oposição a Renan Calheiros, ratificado por: **“Essa que é a verdade.”**

SD 5: “... e, agora, dizem lá, eu não sei se é verdade...**”**

Através dessa SD, verificou-se outra marca de indeterminação do sujeito, quando disse **“... eu não sei se é verdade”**, ele eximiu-se da responsabilidade do que foi dito. Essa postura é a marca evidente de uma movimentação restrita, visto que, como jornalista, não pode deixar explícito seu posicionamento. Porém, mesmo ao se eximir do que foi dito, ele deixou evidente sua posição-sujeito. Então, apesar de estar limitado em sua liberdade ideológica, escolheu expressões que justificaram o uso de outras.

Tendo em vista que o Senado é uma instituição governamental de amplo poder, de maneira alguma Alexandre Garcia, em seu discurso, correria o risco de afirmar verdades absolutas. Ele sabia que estava submetido à opinião pública, bem como à pressão editorial. Seguindo a regra do jornalismo, ele “disse” através do jogo de palavras, sem que fosse preciso enunciar, o que é essencial à formação dos sentidos para a AD.

Para que pudéssemos classificar Alexandre Garcia como um jornalista “isento”, não poderíamos encontrar em seu discurso tantas marcas lingüísticas, pois para ser “isento” ele deveria evitar atribuir valores aos fatos, não deveria lançar mão da ironia para não parecer ofensivo e evitaria, a qualquer custo, posicionamentos.

Pudemos concluir que, através das marcas lingüísticas encontradas nas SDs destacadas, sua FD esteve restringida somente em parte de sua liberdade ideológica, o que fez com que seu comentário resultasse rico e estruturado, graças às condições de produção nas quais esteve inserido, resultando em um comentário socialmente aceitável, dentro das regras jornalísticas e sem detrimento de valores pessoais.

SD 6: “... dizem lá, eu não sei se é verdade, dizem que ele está intimidando os senadores também com a promessa de entregar os pecados de cada um...”

Nessa SD, observou-se, mais uma vez, a marca de indeterminação do sujeito quando pronunciou **“... dizem lá...”** ele nos remeteu às condições de produção desse discurso. O jornalista estaria dando a entender que teria “escutado” pelos corredores do Senado, de alguns senadores, que estariam sofrendo pressão por parte de Renan Calheiros, que supostamente, teria conhecimento dos **“pecados”** de outros parlamentares, causando um forte efeito de sentido, pois outras pessoas estariam envolvidas no caso.

No transcrito **“... pecados de cada um...”**, o uso da palavra **“pecados”** causou também outro efeito de sentido, pois retomou muitos valores morais e sociais que são marcantes em nossa sociedade. Ao utilizar a palavra **“pecados”**, Alexandre Garcia demonstrou sua posição-sujeito. Colocando em contraste sua posição-sujeito, estaria sendo inquisitório e contrário ao posicionamento do discurso-outro de Renan Calheiros.

SD 7: “... e com a amante que chamam de namorada. Que é uma bobagem isso, se o sujeito é casado ele não tem namorada, ele tem é uma amante, agora chamam de namorada para atenuar um pouco. É aquela história de chamar prostituta de garota de programa”.

O que não foi dito, ou seja, chamar de **“namorada”** quem na verdade é **“amante”**, não fará da “amante”, “namorada”. Ela não deixará de ser o que na verdade

é. Da mesma forma quando disse **“É aquela história de chamar prostituta de garota de programa**”, reafirmando sua posição-sujeito. O lugar do discurso que ele ocupou não é de conformidade, pois deixou claro que não se pode simplesmente renomear a “profissão”. Garota de programa e prostituta são a mesma coisa**.** A sociedade é quem dá uma nova conotação, mais atenuadora, para não menosprezar mulheres que se tornam amantes em troca de “favores”.

O efeito de sentido da palavra “amante”, vem seguido de uma oração restritiva **“...que chamam de namorada...”** e de uma marca de indeterminação, **“chamam”.** O contraste provocado por essa indeterminação produz, entre o sujeito-autor e o discurso-outro a contradição e revela a inscrição de cada um desses sujeitos discursivos em formaçãoes discursivas diferentes.

Pudemos demarcar as duas FDs graças à utilização de determinadas palavras “amante e namorada” e “garota-de-programa e prostituta”. Na primeira FD, a de Renan Calheiros, o que foi dito é que a “namorada” não é “amante” e, na segunda FD, a de Alexandre Garcia, a “namorada” é “amante, prostituta e garota de programa”, reiterado pelo uso da expressão **“... “Que é uma bobagem isso...”**, ou seja, bobagem seria chamar de “namorada” quem na verdade é o que é, fortalecendo sua posição-sujeito e sua inscrição na segunda FD.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao finalizarmos esse breve estudo, onde tivemos a pretensão de dar os primeiros passos na AD, concluímos que um discurso jornalístico é muito mais complexo que apenas se deter em “quem fala”. Concluímos que tal discurso foi construído a partir de muitos outros discursos e sua posição-sujeito esteve ligada às condições de produção na qual sujeito-autor esteve inserido. Assim, destacamos nossas principais conclusões:

a) o sujeito do discurso é essencialmente marcado pela historicidade, isto é, trata-se de um sujeito situado na história da sua comunidade, num determinado tempo e espaço;

b) o sujeito do discurso é um sujeito ideológico, isto é, sua fala reflete os valores morais e suas crenças, dentro de um grupo social;

c) o sujeito do discurso divide o espaço do seu discurso com o “outro” na medida em que ajusta sua fala visando ao leitor/espectador e porque dialoga com outros sujeitos no nível interdiscursivo;

d) o sujeito do discurso forma-se e constitui-se na relação com o outro, isto é, outras vozes também falam em seu discurso e, assim, insere-se em uma determinada FD, graças àquilo que concorda ou que diverge em relação a outros pontos de vista;

Outra grande questão que pudemos observar foi que existe uma relação constante entre sua natureza pública de comentarista, muito conhecido em todo o país e a exigência que a sociedade lhe impõe a respeito dos fatos comentados entre os diferentes níveis de conhecimento de seu leitor/espectador. Assim, seu enunciado pôde ser analisado dentro de um campo representativo da diversidade social. Revelar este funcionamento discursivo é uma das contribuições que a AD pode oferecer aos estudiosos do jornalismo.

O discurso jornalístico caracteriza-se como formador de opinião, causando no leitor/espectador determinados posicionamentos em relação aos fatos noticiados. Nesse sentido, supostamente acaba preenchendo o vazio da informação através de um universo discursivo onde as palavras, uma vez ditas, produzem efeitos de sentidos.

Verificamos que o processo de significação do comentário de Alexandre Garcia conferiu aos acontecimentos significados sociais. O sujeito do discurso assumiu determinados posicionamentos e, com isso, reconstruiu o “consenso” social.

Portanto, em face dessa compreensão, nós, estudiosos da língua, devemos ter em mente que nenhum discurso é totalmente imparcial, muito menos inocente. Podemos dizer, portanto, que o comentário de Alexandre Garcia reconstruiu sentidos sobre a realidade, através do contínuo processo de influência e reestruturação do real.

Toda matéria de caráter jornalístico tem a influência social, política, econômica, religiosa, artística e estética sobre os fatos noticiados, bem como relações de poder e interesse dos veículos de comunicação. Todas essas concepções são objetos da AD, pois é a partir dessas concepções que as análises podem ser estabelecidas e, a partir delas, podemos perceber o quanto um determinado texto poderá tornar-se interessante.

Evidenciar esse movimento do autor-jornalista é evidenciar os efeitos de sentido de sua produção, sua posição-sujeito no discurso e sua formação ideológica. Portanto, a partir das marcas encontradas em seu discurso, teremos um universo a ser analisado.

Alexandre Garcia utilizou-se de tudo isso, pois seu propósito, inconscientemente, foi de que seu leitor/espectador fosse conivente com sua opinião e

consumisse a informação recriada por ele, informação influenciada por seu contexto social que, em muitos casos, sem que percebamos, entra em nossas casas sempre acompanhada de um “Bom dia!”, muito simpático e cordial!

BIBLIOGRAFIA:

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.* Campinas, Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. SP, Unicamp, 1993.

ANEXO:

“Bom dia! O presidente do Senado, Renan Calheiros, ontem, pela segunda vez se escondeu atrás da instituição que ele não respeitou. A primeira vez foi quando ele fez a sua defesa ante o Plenário do Senado sem se levantar da cadeira de presidente. Sem ter ido à tribuna como fez o então presidente Jader Barbalho. Ao não ir à tribuna ele impediu apartes e mostrou que falava como presidente da casa, uma certa forma de mostrar eu sou a autoridade aqui dentro. Pois bem agora, na segunda tentativa de usar a autoridade de presidente do Senado ele se esconde atrás da instituição dizendo: “*Eu não permitirei que levem o Senado a uma crise institucional*”. Ora, ninguém está levando o Senado à crise institucional. Essa é que é a verdade. A crise é com ele. Não é com a instituição. Agora, a instituição terá crise se conviver com tanto acúmulo e falta de decoro. Com uso de lobista como intermediário para pagar a amante, como o uso de veterinário de prefeitura para a própria fazenda, como notas fabricadas e transações de gado que mostram uma produtividade de 60% quando uma fazenda modelo tem uma

produtividade de 15%, enfim, e agora, dizem lá, eu não sei se é verdade, dizem que ele está intimidando os senadores também com a promessa de entregar os pecados de cada um, *“ “... que um senador teria viajado para os Estados Unidos com diárias pagas pelo Senado e com a amante que chamam de namorada”*, né? Que é uma bobagem isso, se o sujeito é casado ele não tem namorada ele tem é uma amante, agora chamam de namorada para atenuar um pouco. É aquela história de chamar prostituta de garota de programa. Bem, mas, ontem, mudando de assunto quase metade dos vôos foram afetados pelo movimento dos controladores, e o Ministro da Fazenda, Guido Mantega disse que a causa da crise aérea é a prosperidade do país. Depois da Ministra Marta, ele poderia ter ficado calado, não dar palpite na crise aérea, né? Ao contrário Ministro, a crise aérea atrapalha a prosperidade, por que atrapalha os negócios. As pessoas não chegam a tempo para reuniões para fechar negócios, né? ou perdem negócios, né? Em primeiro lugar as companhias aéreas perdem negócios. Elas estão comprando avião sem saber o quanto vão poder voar. É como comprar carro hoje em dia sem ter onde estacionar, né? O problema, ministro Mantega, é da falta de prosperidade. Por falta de prosperidade, por falta de crescimento né? Não sobrou para investir numa reserva de controladores, numa reserva de equipamentos, no preparo de funcionários de empresa aérea no preparo de pistas de aeroportos, tudo isto explode agora. O presidente da CPI do “apagão” na Câmara, o Deputado Marco Maia do PT chegou a chamar os comentários do Ministro da Fazenda de desnecessários, descabidos e fora de propósito. O presidente da CPI do “apagão” no Senado, Deputado Tião Viana, também do PT, acha que a solução é salarial, agora, alterar os salários é que é a questão, por que todos são militares, né? Eles são sargentos da aeronáutica eles ganham ¼ do que ganham os controladores nos Estados Unidos. Se comparar com o salário mínimo, ambos ganham mais ou menos sete salários mínimos, aqui e lá. Nós, os nossos controladores ganham metade que ganham os australianos só que os australianos ganham apenas duas vezes o salário mínimo de lá, enfim, eles estão fazendo uma operação, vamos chamar de padrão, mas é tartaruga. Os deputados da CPI que lá foram constataram que a alegação de telas com visão prejudicada é uma invenção segundo os deputados que estavam no CINDACTA 1, e aí, alegando que uma tela *tá* com algum defeitinho, eles reduzem o controle de 14 para 7 no tráfego aéreo e isso causa esse atraso em cascata que ontem afetou metade dos vôos. “De Brasília, Alexandre Garcia.”